

Pensar, cultivar – o deserto. E:

Cultivar o deserto
 como um pomar às avessas.
 (A árvore destila
 a terra, gota a gota;
 a terra completa
 cai, fruto!
 Enquanto na ordem
 de outro pomar
 a atenção destila
 palavras maduras).
 Cultivar o deserto
 como um pomar às avessas:
 então, nada mais
 destila; evapora;
 onde foi maçã
 resta uma fome;
 onde foi palavra
 (potros ou touros
 contidos) resta a severa
 forma do vazio.²²

²² J.C. Melo Neto, *Psicologia da composição*, VIII.

APÊNDICE I

QUE É FILOSOFIA?

Para Luiz Bicca

Oh! Como essa borra se enche e invade meu coração! Para fora, *hysterica passio*! Para baixo, melancolia invasora, teu elemento está embaixo!
 (Shakespeare, *Rei Lear*, Ato II, cena IV)

1. Saúdo os calouros. Dou as boas-vindas aos novos estudantes. Recebi dos veteranos, do C.A., a incumbência de saudá-los, apresentando-lhes a filosofia.

Uma vez aceita a proposta, começa-se perguntando: bem, e a filosofia, afinal, o que é?! Supondo-se que ela talvez seja alguma “coisa”, pode-se ainda perguntar: onde se encontra, onde eu encontro a filosofia? Uma resposta clara e óbvia pode ser: nos filósofos. Mas, e estes, onde estão?! Por aí, nos textos, nos tratados filosóficos, nos livros, quer dizer, na história, na tradição. E como lidar com a história? Como se relacionar com a tradição? Como herdá-la? Enfim, como lidar-relacionar-se com os filósofos, com os textos filosóficos? Lendo-os!

À pergunta de Polônio, “Que estás lendo, meu Senhor?”, Hamlet dá a proverbial resposta: “Palavras, palavras, palavras!” Um livro – o que é um livro? Palavras, palavras, palavras?! Mas e a ou as palavras – o que são? Coisas passadas, velhas, velhíssimas, talvez já mortas, jogadas ao vento e por aí circulando, volteando, rodopiando ao sabor

dos ventos?! Inicialmente, assim parece. Assim parecem ser os livros, os textos: palavras, palavras, palavras... Tinta preta sobre papel branco, coisas mortas...

A verdade, porém, é que ainda não se terá despertado realmente para a filosofia enquanto acreditarmos que esta é "coisa" de livros e que livros são palavras, palavras, palavras. Por este caminho, filosofia, na melhor das hipóteses, torna-se logo uma disciplina de um currículo acadêmico e esta, por sua vez, objeto ou campo de informações, que se configura como um âmbito ou um domínio da "cultura". Enquanto objeto da "cultura" a filosofia seria vista como um corpo de teorias, de doutrinas e estas como um acervo, isto é, como um acúmulo e uma reserva de saber, que, fechando o círculo, pela via dos mecanismos ou dos instrumentos da comunicação, estaria à disposição de quem se dispusesse a receber tais informações, tais dados.

Dirigir-se à filosofia ou a qualquer dimensão do espírito, da vida, com esta postura e com esta consequente expectativa significa dispor-se e pré-dispor-se a ser sobrecarregado e mesmo entulhado de informações, de dados e, assim, entrar num crescente clima de apatia, de inércia, de obesidade e ilimitada engorda. A correria, a pressa, a busca e a "pesquisa" sôfregas serão os caracteres, os sentimentos norteadores.

A filosofia não é "coisa" nenhuma. Não é uma disciplina de um curso ou de um currículo acadêmico; não é um acervo, uma reserva de informações, sobretudo não é um domínio da "cultura", cujo acesso, facilitado pelos meios de comunicação, pode melhorar minha formação, meu perfil de homem civilizado, bem informado e em dia com as coisas...

Não. Disponer-se, pré-dispor-se para a filosofia significa, na verdade, *abrir-se para a conquista de um modo próprio de ser do homem, da vida*. Ao contrário de acúmulo, de soma, de acrescentamento e do consequente gigantismo, esta atitude de despertar para um modo

próprio de ser é marcada, sim, por um *crecimento* que, porém, se define como *intensidade, intensificação*. Ver-se-á: tensão e conquista ou exercício de liberdade.

Mas, que modo de ser é este? Como descrevê-lo, caracterizá-lo? Escolhemos um acesso, um encaminhamento que denominamos o despertar para e a conquista do "páthos da distância". "Páthos da distância" é um nome que Nietzsche deu à filosofia, ao pensamento. Para formular e descrever esta experiência, vamos começar lendo e ouvindo uma carta do próprio Nietzsche, dirigida a seu amigo, o músico e musicólogo Carl Fuchs, de Turin, em 14 de abril de 1888. Com pequenos cortes, ouçamos a carta:

Turin, 14 de abril de 1888

Meu caro Carl,

Tal como em Nice, também aqui tenho teu retrato diante de mim, sobre a mesa. Nenhuma surpresa, portanto, se com frequência vem-me a vontade e o prazer de conversar contigo. E eu o faço! Para que, pergunto-me, este absurdo estranhamento, este absurdo distanciamento através do espaço (através deste espaço que, dizem os filósofos, foi inventado por nós!), para que esta *b r e c h a* entre os poucos homens que se teriam alguma coisa a dizer?!

Conheces Turin? Esta é uma cidade para meu coração, afinada comigo. Mesmo a única. Silenciosa, quase solene. Uma terra clássica para pés e olhos (com um soberbo calçamento e uma coloração matizada de amarelo e marron-avermelhado, no qual tudo converge, tudo se *uni-fica*). Um ar, uma aura de bom século dezoito. Palácios que *n o s* falam aos sentidos: *n ã o* castelos, fortalezas renascentistas. E do meio da cidade vê-se a neve dos Alpes! Suas ruas parecem ascender diretamente à neve! O ar seco, sublimemente claro. Nunca acreditara que uma cidade pudesse tornar-se tão bela pela luz.

A cinquenta passos de mim o “palazzo Carignano” (1670): meu grandioso “Vis-à-Vis”. Cinquenta passos mais, o “teatro Carignano”, onde agora, precisamente agora, apresenta-se solenissimamente “Carmen”. Num só fôlego, pode-se ir meia hora por altos e tortuosos caminhos, vielas. Aqui tudo é amplo, aberto. Sobretudo as praças, de tal modo que em plena cidade tem-se um altivo e solene sentimento de liberdade.

Para cá arrastei toda a minha cangalha de preocupações e de filosofia. Assim será até junho, sem que o calor me atormente. A proximidade das montanhas garante uma certa energia, mesmo uma certa dureza — uma certa rudeza. Então virá minha velha moradia de verão, Sils-Maria: a alta Engadina, minha paisagem, tão distante, tão apartada da vida, tão metafísica... E então ainda um mês em Veneza. Um lugar sagrado para meu sentimento, como lugar (prisão, se se quer!) do único músico que faz música para mim, tal como ela hoje parece impossível: profunda, solar, cheia de amor, em plena e perfeita liberdade sob a lei.

Um dia deste, em algum lugar, li que somente em umas poucas cidades da Alemanha se teria comemorado Schopenhauer. Destacava-se, porém, Danzig. Lembrei-me, então, de ti. Como tudo se afasta, se distancia! Como tudo vai entredistanciando-se, entreatando-se! Como a vida se faz silenciosa, parada! Ao redor de mim nenhum homem que me conheça. Minha irmã na América do Sul. Cartas cada vez mais raras. E ainda não se é velho!! Somente filósofo! Somente à margem, à parte! Somente comprometidamente à parte!

Teu amigo fiel,

F. Nietzsche

2. A carta foi quase toda citada para que se depreenda dela um certo clima, uma certa ambiência própria. Nela, porém, vamos marcar aquilo que nos interessa mais diretamente. Vejamos: “... minha paisagem, tão distante, tão apartada da vida, tão metafísica... Como tudo se afasta, se distancia. Como a vida se faz silenciosa, parada!... E ainda não se é velho!! Somente filósofo! Somente à margem, à parte! Somente comprometidamente à parte!”

“Minha paisagem” está dizendo minha casa, meu lugar, aquilo que sempre e insistentemente descortino em torno, em volta de mim. Casa, lugar, o “em volta” falam de uma identidade, de um próprio. Mais: de uma instância de enraizamento e de crescimento, a partir da qual cresce, intensifica-se e aparece uma identidade, um próprio. Na carta o que vai grifado é o “minha”. “Minha” não é o possessivo do indivíduo, do cidadão Frederico Guilherme Nietzsche que, apesar de “sem Pátria”, apesar de “Vogelfrei”, devia ou poderia ter uma carteira de identidade, um título de eleitor, um CPF... “Minha” vai grifado para marcar a identidade e o próprio do filósofo, do pensador. Paisagem circunda, circunscreve, circunvolve tal como elemento, tal como “medium” e é assim, como elemento e “medium”, que “minha paisagem” fala da casa, do lugar, da ‘pátria’ do filósofo, quer dizer, da instância necessária para o surgimento da filosofia, do pensamento. *Minha* paisagem, enquanto elemento e “medium”, fala da hora, do tempo certo do surgimento de filosofia, da irrupção do pensamento.

E o que caracteriza esta “pátria”, este elemento é a distância — o distante, o apartado da vida. Como entender isto? Primeiro e antes de mais nada, o que é vida? Para “vida”, aqui, não cabe nenhum conceito científico, nenhuma determinação biológica, nada que hoje cheire à genética, à engenharia genética. “Vida”, antes, começa sendo algo imediato, bastante ingênuo, isto que por aí, distraída e impensadamente se diz “a vida”, “minha vida”. Trata-se da vida, da

azáfama em que estamos sempre já metidos. Trata-se da correria e do roldão — muito mais sutil, diz Machado de Assis: do “bulício”! —, nos quais nos surpreendemos sempre já caídos e decaídos. Sim, porque de cara ou imediatamente, viver é, como se diz por aí, “correr atrás”, “ralar”. “Estou vivendo” é sinônimo de: estou “correndo atrás”, “estou ralando”, ou seja, sou e estou todo preocupações e azáfamas, todo correrias e agitos, de tal modo que parece não haver distância entre mim e as coisas, entre mim e o mundo — enfim, entre mim e o próprio viver, uma vez que, na correria, parece que estamos diluídos nas próprias coisas, confundidos com elas, inteira e absolutamente misturados com o próprio viver. Está-se como que chapado, colado às coisas de modo que nada se vê, nada se *pode* ver, pois não há a necessária distância! Portanto, o afastamento em questão é a distância necessária entre mim e as coisas, entre mim e o próprio viver, para que estes apareçam, se façam visíveis. O distanciamento em questão é justamente o abrir-se do lugar, no qual as coisas parecem instalar-se — melhor: a partir do qual e mesmo como o qual as coisas começam a aparecer e mostrar-se. Esta distância fala portanto do lugar e da hora do olhar, do ver, quer dizer: do teorizar. Teorizar é ver desde onde isto que se teoriza, que se vê, se faz plena ou ‘idealmente’ visível. Teoriza-se justamente porque já se está, já se ganhou esta distância ideal. Por outro lado, teorizar é também a conquista deste lugar, desta hora. É o esforço para se sustentar nesta instância *privilegiada*, i. é, que tem uma lei e um modo próprio de ser, a saber, o do ver — e aí morar, aí habitar. Fazer deste lugar e desta hora sua paisagem, seu elemento — sua pátria. Tal lugar exige a distância ideal, justa e ajustada, uma vez que perto demais, ou seja, colado ou chapado às coisas, elas não se deixam ver e longe demais, quer dizer, distante talvez, mas apáticos e indiferentes, elas também não se deixam ver, fugindo, escapando no indefinido, no vago e diluído do “longe demais”.

Neste contexto e, portanto, com razão, dizia Fichte: “Filosofar não é propriamente viver; viver não é propriamente filosofar.” — “Philosophieren heisst eigentlich nicht leben; leben heisst eigentlich nicht philosophieren”.

3. Coincidentemente, em maio do mesmo 1888, envia van Gogh uma carta a seu irmão Théo, na qual se vê a evidência desta mesma experiência confessada por Nietzsche a Carl Fuchs. Van Gogh escreve de Arles, para onde se mudara recentemente e, no contexto da descrição de sua nova moradia-atelier e de seu novo ambiente — da sua “paisagem” — ele segreda a Théo achar o atelier muito exposto, devassado, não podendo agradar a “aucune bonne femme” e acreditando ser muito improvável que um flerte qualquer possa “aboutir à un collage”! E completa: “Mais avec mon tempérament faire la noce et travailler ne sont plus du tout compatibles, et dans les circonstances données, faudra se contenter de faire des tableaux. Ce qui n'est pas le bonheur, et pas la vraie vie, mais que veux-tu? Même cette vie artistique, que nous savons ne pas être *la vraie*, me paraît si vivante et ce serait ingrat que de ne pas s'en contenter”²³.

Em última instância, sem delongas psicológicas, “meu temperamento” se refere ao modo próprio e último (isto é, primeiro) de ser de van Gogh, a saber, o fato de ele ser pintor. “Meu temperamento” diz: sou pintor! “Trabalho”, para van Gogh, é “fazer quadros” — pintar, pintar e pintar! Pintar é preciso! Por outro lado, “faire la noce” fala de gozar a vida, entregando-se, abandonando-se às delícias das bodas, das núpcias, enfim, o que se diz: viver, gozar a vida. Em sentido estrito e lato, as bodas, as núpcias e as eternas alegrias dos amantes... Pois bem, diz van Gogh, um e outro, fazer quadros e fazer bodas,

²³ *Correspondence Complète de Vincent van Gogh*, Gallimard/Grasset, Paris, 1960, Tomme III, p. 60 — Mai 1888, 480F.

não são compatíveis, mas, completa, é preciso contentar-se com fazer quadros, o que não é a felicidade e também não a verdadeira vida, mas não fazer quadros, não pintar seria ingratitude...!

A incompatibilidade é a da *distância* e da *proximidade*, melhor, da excessiva proximidade, que é o colado, o chapado à vida e que são as bodas, as núpcias. Pintar, como pensar, é existência de, desde olhar. Pintar, como pensar, é exercício de ver — por isso, exige distância. Aquela distância necessária para tornar visível o visto ou visualizado. Com a cara colada à parede, jamais vejo a parede; com o lápis chapado no meu nariz, jamais vejo o lápis. Isso, esta distância, já é até um pouco de morte... Mas parece que isso, a saber, pintar, fazer quadros, é uma necessidade, um destino — o imperativo criado pela distância que se fez, que se abriu. Isso é radical. Não pode mais não ser. Por isso, é preciso contentar-se em fazer quadros. O que, diz van Gogh, não é “a felicidade” e também não “a verdadeira vida”. Felicidade e verdadeira vida, aqui, estão praticamente dizendo a mesma coisa, evocando um mesmo fenômeno e de um modo meio irônico e ambíguo. “A felicidade” seria aquela do *não ver*, isto é, de não ser na e desde a distância e, por isso, não se dar conta sendo, vivendo, existindo. A árvore, o cachorro, a pedra, a alface — tudo que nunca comeu da árvore do conhecimento — “tem” ou “é” esta felicidade de toupeira. Parece até que isto seria a “verdadeira” vida, ou seja, a do abandonado, do largado e esquecido na dispersão do roldão, da completa *distração* no viver — malhando, correndo atrás, “moendo no asprô” ou, o que é a mesma coisa, fazendo bodas, celebrando núpcias, na delícia e no êxtase da alegria de todos os amantes... Para falar todo este edênico da vida, que seria a total proximidade, a diluição, o esquecimento e a perda totais na ação, na atividade imediata, Mefistófeles disse a Fausto: “Verde, caríssimo amigo, é a árvore dourada da vida; cinza é toda teoria...” Ou, como já vimos, “flososfar não é viver; viver não é flososfar”!

Em cumplicidade com Théo, diz van Gogh que “nós”, isto é, ele e Théo, sabem que esta vida artística — a pintura, a arte, de modo geral — não é “a verdadeira” vida, mas ao mesmo tempo e paradoxalmente, esta lhe parece tão viva, que seria ingrato não se contentar com ela. O que encerrará esta existência do olhar, este viver no e do ver, este ser à parte e desde distância — em suma, o que encerrará esta maneira de ser de tão vivo, ou seja, de tão forte, de tão radicalmente intenso, que se mostra como uma “outra” vida irrecusável, uma “outra” verdade intransfêrível a tal ponto que seria ingrato não aquiescer nela, não cumprir este destino de olhar e de ver, esta necessidade de distância?

Para responder a essas perguntas, voltemos à carta de Nietzsche, que dizia: “... m i n h a p a i s a g e m , t ã o d i s t a n t e , t ã o a p a r t a d a d a v i d a — t ã o m e t a f í s i c a . . .”

4. Metafísica! Ao lugar, à paisagem, à pátria, que é o distante ou a distância, é chamado também *metafísica*. Filosofia e metafísica são a mesma coisa. Dois nomes para dizer um mesmo modo de ser — a instância, a dimensão que cabe conquistar, que é preciso que se abra e aconteça para que se abra, para que aconteça nossa participação com este modo de ser e então também nossa compreensão de filosofia. Por metafísica vamos entender a *paisagem* que se abre no instante que marca o *salto de ultrapassamento* da proximidade excessiva e a simultânea *transposição* para este distante, à parte — o lugar e a hora do olhar, do ver. Isto é: ultrapassamento, transposição ou simultânea inserção na paisagem, na *pátria*.

Estranha esta hora! Faz-se distância, sim. Mas, e aí está o estranho, só agora tem-se também a experiência, a evidência da proximidade — a presença de uma ausência! Proximidade na distância, pela distância, desde e graças à distância. Estranho este dentro-fora, este próximo-distante, este viver-não-viver. Hora (talvez?) de um olhar tris- te, suplicante olhar de uma fisionomia pálido-corada. Olhar, sim, de

um morto-vivo. Mas isso é um pierrô! Seria isso em última instância a vida, o homem?

Acontecerá uma estranha e funda tristeza, uma indizível melancolia — uma insuperável nostalgia? Saudade?! Que estranho solo é este desde onde cresce a filosofia, faz-se metafísica? Que terra é esta, que é tristeza — a funda tristeza que, diz A. Poe e ratifica Beau-delaire, traz a experiência e a evidência maiores de beleza! —, melancolia, nostalgia, talvez saudade? Bebendo, ingerindo desta terra, o que se bebe, se ingerir? A terra, a pátria, a paisagem é onde nunca se está, onde nunca se pode estar?! Vem anseio, ânsia, anelo, cobiça — alimenta-se a obsedante nostalgia?! Estar-se-á, com a filosofia, tal como o poeta, a buscar “ao ópio que consola, um Oriente ao oriente do Oriente”?! (F. Pessoa).

Alto! Alto! Vamos parar! Parar, voltar e tomar pé neste vórtice que está se abrindo sob nossos pés.

5. “Esta, a vida artística, não é a verdadeira, mas ela (me) parece tão viva que seria ingrato não se contentar.”

Voltemos a perguntar: o que encerrará esta vida do olhar, da distância, esta espécie de não viver, de tão vivo, de tão intenso? Sim, porque este “tão vivo” está dizendo: tão forte, tão intenso e, por isso, tão revelador e tão cativador, tão aprisionador. Este forte, este intenso é uma necessidade que se abre, que se inaugura e que assim passa a pontuar, a nortear, a determinar. Trata-se de um *destino* que se abre e assim se impõe. Que ‘nova’ vida é esta, que destino é este?

Um “não-viver” que, no entanto, se mostra tão vivo! É justo o que acima se disse como a proximidade que se revela na distância, pela distância, graças à distância. É em se distanciando que aparece a proximidade, a saber, o roldão ou o “bulício” em que se está/estava jogado. E, então, dá-se a participação vital, que é ser num estranho limiar, que é a confluência distância-proximidade — propriamente o

único lugar possível de distância-proximidade, não-viver-viver, fora-dentro. É um “fora” que me põe, que me *joga* dentro. Este limiar, esta hora, que passa a ser a pátria do destino do olhar, seu lugar, sua paisagem — é isto que agora se anuncia e se evidencia tão vivo, tão intenso. Mais: tão exclusivo, tão único. Tem a força, a vitalidade da evidência do que não era, não se dava, e que agora subitamente se impõe, coage e coerce irremediavelmente. Esta instância em que se vê sendo, esta situação em que o homem se dá conta vivendo, existindo — enfim, este lugar de participação é também e necessariamente lugar de nascimento, hora de gênese. O ponto no qual e a partir do qual realidade *aparece*, se evidencia e se impõe como uma dinâmica de autorrealização, isto é, como *gênese*. O olhar — por exemplo, pintar, pensar — “co-faz” este fazer-se de realidade; ele con-cresce com este crescer-aparecer, que se evidencia sendo o real. A pintura pinta isso! A poesia poeta isso! O pensamento igualmente pensa isso e assim celebra este modo de ser, à medida que, para ele, o pensamento, mais do que gênese, ele aponta, mostra e faz visível a própria gênese enquanto gênese. Quer dizer: pensamento é gênese de gênese. Isso já foi chamado *reflexão*. Vida tensa, voltada sobre si própria e cuidando de si mesma. Autossustentando-se como vida da vida.

Na verdade, só isso, só o evidenciar-se desta hora e deste lugar como instância e modo de ser limite do homem, do “viver” — só isso cria um visceral atamento, uma necessidade, um autêntico destino. Destino, a saber, a clareza de um viver, de um existir que é *envio deste lugar para este lugar*, o que dá o tempo e o percurso da estória que é o viver ou a vida nela mesma. Por isso, não pintar, por exemplo, seria uma ingratidão. Não pensar seria igualmente ingratidão. Estranho: é ingratidão não viver o não viver!

Ingratidão porque o irromper desse salto evidencia-se como puro dom, como pura doação. *Porque* salto, *porque* súbito e i-mediato — *por isso*, graças a isso dom, dádiva. Quer dizer: pura gratuidade,

sobra, transbordamento, superabundância. Superabundante, transbordante é o olhar meta-físico. Filosofar, pensar é cuidar deste lugar, é pro-mover e assim eternizar esta hora, este acontecimento. Cuidar e promover querem dizer: fazer com que apareça ou se faça visível que tudo quanto é e há é o percorrer e o superficializar-se (realizar-se) desta hora, deste instante. O pensamento é memória – a grande memória.

6. O salto, que instaura a distância, é um corte. O instaurar-se da distância é o abrir-se deste corte — um único e mesmo ato. Irrupção do olhar. Corte que põe distância, separação e, ao mesmo tempo e por isso mesmo, põe proximidade, reunião. A hora, o instante é esta composição. Neste “espaço”, neste âmbito acontece, joga a vida. Vida como estória, como *destino de dor*. A dor que é o abrir-se deste corte, o fazer-se desta separação, desta distância-proximidade.

“Estória e destino de dor” diz: o enviar-se e o re-enviar-se de dor (salto, corte) para dor (salto, corte). Portanto, o fazer-se, o autofazer-se, o re-autofazer-se de dor — insistente repetição, retomada de dor. Dor?! Por quê? Como? Em questão está a dor que é a *necessidade* de ser estória e destino. Quer dizer: a dor que é a evidência de nada ser de antemão e o *precisar fazer* vir a ser uma possibilidade ou um poder-ser que se anuncia e inexoravelmente se propõe. Em questão está a dor que é ser pouco, ser imperfeição e incompletude — a dor que é ser não sendo — e, daí, a necessidade do esforço, o precisar ser esforço para assim fazer vir a ser a necessidade, isto é, a possibilidade ou o programa que se anuncia, a proposta ou projeto que se é.

Vida como estória e destino de dor. Isto é, envio de (dor)... para (dor)... E desde onde dor? Para onde dor? Por que dor? Desde nada, para nada, por nada — não há “onde”, “de onde”, “para onde” ou “por quê”. O salto, quer dizer, o súbito, o i-mediato abre o círculo da inu-

tilidade, do sem sentido, do sem por quê e do sem para quê de dor — isto é, de envio e de estória. Gratuidade, inutilidade e incontornável necessidade de ser na dor, isto é, de sem sentido, de sem por quê, de sem para quê. É este, sim, o *sentido* de dom, de doação.

Mas, frente a tudo isso e até por tudo isso, ficam ecoando mais estranhamente ainda em nossos ouvidos os versos de Fernando Pessoa, que já mencionamos meio diluídos e meio sem os anunciar de verdade. Ouçamos estes versos, que constituem a primeira estrofe de “Opiário”, de 1914, e dedicado a Mário Sá-Carneiro:

É antes do ópio que a minh'alma é doente.
Sentir a vida convalesce e estiola
E eu vou buscar ao ópio que consola
Um Oriente ao oriente do Oriente.

E a certa altura do poema, é dito ainda:

Não posso estar em parte alguma. A minha
Pátria é onde não estou. Sou doente e fraco.

7. “Sentir a vida convalesce e estiola”.

Por “sentir a vida” entende-se entrar, penetrar e deste modo funda e profundamente intensificar a vida. Mas vida, viu-se, diz dor. Então, “sentir a vida” fala de entrar, penetrar, afundar na dor. E isso, diz o verso, “convalesce e estiola”.

A convalescença é um tempo de passagem da doença para a saúde, tempo de recuperação de saúde e de forças. Convalescer é ganhar, (re)tomar forças e, daí, crescer. Mas crescer fortalecendo-se, intensificando-se, ou seja, cresce, intensifica-se à medida que sente, isto é, à medida que afunda na vida, na dor...

Estranho: *sentir* a vida faz recuperar saúde. Saúde seria o sentido fundo, profundo de vida. Vida “sem sentir” seria, então, doença?!

Mas o estranho do verso continua, pois ele diz: “convalesce e estiola”. Estiolar é definhar, enfraquecer. Em botânica, por estiolar e estiolarmento entende-se um processo mórbido de alteração das plantas que vegetam na escuridão, em ambientes desprovidos de luz e, a partir daí, acontece um descoramento e um amolecimento de seus tecidos. Aquela lagartixa noturna, que é toda olhos esbugalhados e tão despigmentada que se entrevê suas vísceras escuro-azuladas através de seus tecidos e paredes transparentes, é estiolada...

Sentir a vida faz recuperar a saúde, isto é, o lugar próprio de vida, e amolece, descora, empalidece, enfraquece, definha!! Sentir a vida recupera saúde e *assim e por isso* adoece?! Restaura saúde, restabelece forças e leva este que sente a virar um estiulado, um corado-pálido, um vivo-morto — um pierrô?! O “e” de “Convalesce e estiola” mais do que adição, do que somativo no sentido de aglutinante ou acrescentativo deve dizer um inclusivo “isto é”. Quer dizer: sentir a vida convalesce, *isto é*, estiola. Sentir a vida recupera a saúde, *isto é*, leva a este estranho lugar que é o do morto-vivo, o do ausente-presente, do distante-próximo, ou seja, ao lugar da distância própria do olhar que é terra, pátria, paisagem de filósofo. E de pintor! E agora, também de poeta! Sentir a vida é, na verdade, *ver*; um pôr-se no lugar e na hora do ver.

8. Mas fala a alma, que se diz doente:

E eu vou buscar ao ópio que consola

Um Oriente ao oriente do Oriente.

“Consolar” quer dizer aliviar um sofrimento; confortar, mitigando a dor. E o que este ópio oferece, para assim confortar e aliviar a dor, é “Um Oriente ao oriente do Oriente”. Agora, começa a ficar claro porque sentir a vida estiola, enfraquece, amolece o ânimo, que é o tecido e a textura da vida. Oriente, dizendo nascente, diz princípio, começo, origem. Com este princípio, com esta origem pode ser

identificada “pátria” e esta envolta na aura de lugar de redenção, isto é, consolo, entendendo-se este como o conforto da quietude, da “paz”, ou seja, o sem esforço, o remanso do descanso, o parado da aposentadoria como recuperação do éden perdido... O estranho, mais, o *inquietante*, mesmo o *desesperante* é que este Oriente é ao oriente do Oriente, quer dizer, trata-se de um começo, de uma pátria ou de um lugar que é ou que está sempre *para além* do começo (pátria, lugar) do começo... O constitutivo e eterno exílio e então a coercitiva e insuperável nostalgia, que é a funda e insistente tristeza, melancolia, dor da pátria ausente e distante. A pátria, o lugar passa a identificar-se com o in-finito, com o i-limitado. Isto, esta busca cansa, enfraquece, adoece — estiola. E vem a constatação:

Não posso estar em parte alguma. A minha

Pátria é onde não estou. Sou doente e fraco.

O inquietante é que este começo, este lugar tende a se afastar na mesma medida em que dele a gente tende a se aproximar. Em outros termos: esta terra, este lugar tende sistematicamente, isto é, por princípio ou por constituição própria (o infinito, o ilimitado), a recuar, a se adiar, a protelar-se indefinidamente para além, além, além... E ingere-se mais ópio, isto é, toma-se infinito, e a meta mais recua, mais se afasta, adia-se na mesma medida. A tendência é virar correria. E a correria cresce e se faz afã, cobiça, sanha. E vem a constatação: não *posso* estar em parte alguma. Minha pátria é onde não estou — sou doente e fraco. Impotente. Sim, “para trás não há paz”.

Não *posso* (estar em parte alguma), pois o imperativo do ópio é afastar, afastar, adiar, adiar... Lugar nenhum é *ainda* lugar algum ou o lugar. Por isso, a pátria é onde nunca estou, nunca *posso* estar, mas — e aí o inquietante e o desesperante — eu *queria* e *precisava* estar. Ela se nega como *possibilidade de fato*, mas se impõe cada vez mais como

norma e meta; se recusa sistematicamente como poder-ser e sistematicamente impõe-se como dever-ser. Daí o infernal da busca e da aspiração impossíveis. O ardor, a ardência do mastigar e roer da eterna nostalgia... Afã, ânsia, anelo, cobiça, sanha — “hybris”. Sou doente e fraco. Impotente. Infinitamente renova-se a doença, pois infinitamente se evidencia a impotência, o pouco, o menos que é e que, no entanto, não devia ser e o mais que precisava ser e não é. Irremediavelmente, eternamente, indefinidamente doente, fraco, impotente. A doença, a grande doença é o infinito, o ilimitado. A fraqueza é a insaciedade da sanha, da “hybris”. É como se este doente, sedento, bebesse água salgada — de fato, ele quer beber o mar... — e não apaga, mas mais acende a sede, a segura. É uma sede que nasce do beber e incita, açula, atíça cada vez mais, de modo a tornar-se cobiça, ânsia, sofreguidão — infinita insaciedade. Um Oriente ao oriente do Oriente. Não posso estar em parte alguma. Minha pátria é onde não estou, onde não posso estar. Sou doente e fraco. A Terra, a vida vira mesmo um “opiório” — ou um ‘opiódromo’...!!

9. O poema citado de Fernando Pessoa começa com uma grande afirmação, uma constatação: “É antes do ópio que a minh’alma é doente”. O ponto (.) dá o fecho a esta constatação, a esta certeza. Os outros versos desta estrofe de abertura “explicam” o porquê desta certeza, que abre, marca, pontua o poema como sua disposição mobilizadora, isto é, determinante de todo o poema, a saber, uma certa doença já *antes* do ópio. Que doença é esta e por que *antes* do ópio? O que é ópio?

A alma, a vida já está cheia de infinito, de ilimitado — é isto a doença. O finito, o limitado, dada a dominação ou pré-dominação do infinito, já aparece como o lugar, a instância que não pode ser, como o que não pode e não deve ser “pátria” — por princípio ou por definição o não lugar, a não pátria. Logo, o que deve e precisa ser é o para

além do finito (infinito), para além do limitado (ilimitado). A partir daí, viu-se, cresce ânsia, que se faz cobiça, que vira sanha, que de tudo se apodera — que se apodera sobretudo da *alma*. Precisamente isso constitui a grande doença.

É *antes* do ópio, pois o próprio ópio mostra-se, na sua ação, sempre *aquém*, sempre *pouco*, sempre *menos*, sempre *insuficiente*. Ele, na sua ação de entorpecimento e de possível instaurador de “pátria” (i. é, promessa de torpor, pois assim é vista pátria!), *sempre faz pouco, sempre age menos*, uma vez que não leva ao lugar, à pátria, que insistentemente se adia, se protela, recua, se afasta, se recusa... Evidencia-se cada vez mais o infernal: “Não posso (e precisava, e devia!) estar em lugar algum”. *Em vão* é buscado ao ópio “Um Oriente”, pois este se põe sempre ao oriente do Oriente. Quando isto se evidencia, quando este “em vão” se escancara, é dito: “*portanto*”, é *antes* do ópio que a minh’alma é doente” — nem o ópio consola, mitiga, embotava este ardor, esta ardência, esta sanha infernal... Sou doente e fraco. Impotente. Em suma: sou como não devia ser... Infernal desassossego.

10. Paremos e reconsideremos. Começamos perguntando “O que é filosofia?” e dissemos que, antes de ser um “algo”, uma “coisa”, trata-se de uma *atitude*, melhor, de um modo de ser do próprio homem ou da própria vida, para o qual cabe despertar, abrir-se, pré-dispor-se e assim conquistar o que já seu (do homem), apropriar-se de si ou, o que é a mesma coisa, nesta conquista, através dela e graças a ela, vir o homem a ser o que ele é. Identificamos esta conquista com a disposição ou o “páthos da distância”, que corresponde à conquista do olhar, da poética do ver.

Mas, e agora?! “E agora, José?” De repente, vemo-nos todos jururus, macambúzios, triturados e esmagados pelo imenso peso do infinito, pelo insuportável fardo do ilimitado. Doença, morbidez — ânsia, cobiça, sanha, melancolia, tédio, desespero. Corvos — “an-

jos negros"! — crocitando, urubus rondando! Estranhas flutuações e variações do demônio infinito, da maldição impotência, da desgraça fraqueza. Nas variações e contorções deste "espírito que diz sempre *não*" (= demônio!), pinta-se a cada passo um mundo todo lúgubre e todo lúbrico... É isso a filosofia?! É para isso que a Coruja de Minerva arregala os seus olhos?! Nem o ópio consola! Calderón de la Barca?! A vida é sonho?! Maldito e impotente ópio! Também o sonho seria ópio à busca de "Um Oriente ao oriente do Oriente" ...

Ou... Ou será que este nosso olhar perdeu-se, extraviou-se, afundado no *demais* — no longe *demais*, no além... além... fora... Distante, distante *demais*, *demais*... Seria o *demais* a desmedida medida do infinito, do ilimitado? Talvez seja preciso olhar para os próprios pés, que, no pisar e repisar, também cavam abismos. Abismo desde onde cresce o próprio olhar?! Então o fundo, a pátria, o Oriente seria aqui, aos próprios pés?!

11. Para tomar pé, voltemos a Nietzsche. Escutemos o seu *Zaratustra*: "Dor-Homem é a dor mais funda. ... O próprio ver, não é ver — abismos?... Quanto mais fundo o homem olha na vida, tanto mais fundo ele olha também na dor" (*Zaratustra*, III, Da Visão e do Enigma).

"Dor-Homem" ("Menschen-Schmerz") é a dor que o homem é. É a dor que é ser homem, isto é, o fato de, de repente, ver-se, sentir-se vivo, existindo — precisando fazer seu ser, precisando vir a ser uma possibilidade de ser. É assim que ser homem é ser dor. Dor está portanto falando da hora inaugural do corte, da cisão — da distância, do olhar que se abre e do pouco, do im-perfeito e do in-completo que se revela: "vais comer o pão com o suor da tua frente". Por cons-tituir-se em origem, esta cisão, esta dor é aqui e agora, isto é, faz-se, dá-se a cada passo como pulso e cadência da estória que sou, que o homem é. Por isso, dissemos acima, trata-se de estória (acontecer, su-

ceder, *acontecências*), de destino de dor. Esta dor que é o ser-homem, em constituindo-se em origem, é a dor que dói em todas as dores, em todos os pesares: na enfermidade, na miséria, nas faltas, talvez também nas saturações e na saciedade, no ódio, no amor, na inveja, nas ânsias e desejos, nas aspirações, nos desgostos, na unha encravada, no cálculo na uretra. Por isso, é esta a dor mais funda. Ela em tudo se mostra, em tudo se superficializa... Tão funda que é o próprio fundo — o fundamento. O fundo da vida é a dor. Por isso, "quanto mais fundo se olha na vida, tanto mais fundo se olha também na dor". E: "o próprio ver, não é ver — abismo?! Olhando assim fundo, o olhar vê abismo..."

E: o que é ver abismo? Em vendo abismo, o que realmente se vê? Abismo fala abisso, abissal. O a-bisso é o sem fundo. "Sentir a vida" é afundar nela, ir ao seu fundo — ao seu "sentido". Seu fundo é dor. E, em vendo este fundo-dor, vê-se... abismo, isto é, vê-se fundo sem fundo! "Sentir a vida convalesce..." Será isso, ver abismo, convalescença?!

Mas, repetamos a pergunta: em vendo abismo, o que realmente se vê? O sem fundo, o abisso, parece ter a estrutura do infinito, do ilimitado, a saber, ilimitadamente sem fundo, infinitamente para trás ou para o fundo em infundável vórtice. Mas, pode ser que este sem fundo seja calma, serenidade... Isto é, todo contido, concentrado, como uma natureza morta, como um "Stilleben" ... Mas como, se ele também se recusa, se retrai, se a-funda se se quer chegar ao seu fundo?! Ele então ganha a dinâmica do crescentemente pro-fundo, isto é, do fundo que insistentemente se põe para além do fundo, indefinidamente a-pro-fundando-se. Sim, para trás, não há paz...

Este sem fundo, se corro atrás, ele, na mesma medida, corre sempre à frente e, portanto, na mesma medida, se afasta, se recusa... Mas se *para*, ele, meio tímido, meio pejadamente vem ao encontro, se guardando e se resguardando e é justo assim que ele se dá e se

oferece como o próprio sem fundo. O sem fundo, enquanto e como sem fundo, isto é, guardando sua distância e sua medida exatas, se faz superfície, tal como o outro lado da rua docilmente está aqui comigo, à medida que eu não insisto em chegar até ele, atravessando a rua para pegá-lo, toma-lo, tê-lo... O seu “aqui” é “lá”. A ele chego não indo, mas parando. Parando, ele vem até mim. É como ausência que sua presença se evidencia. Assim também o sem fundo, o abismo.

Para “ver” abismo é preciso que a alma já não seja-esteja doente, já não seja-esteja cheia de ânsia, de cobiça, do afã e da sanha de infinito. É preciso que a alma já tenha sido tocada pela calma, tomada pela serenidade, pelo “sem querer” do sem fundo, do abissal — enfim, da dor. Mas, como?! Para ver é preciso já ter conquistado a calma, a serenidade que se espera(va) conquistar através do ver?! Isso não é lógico! O que se vê, é que absolutamente não se é capaz de ver se já não se viu ou se já se foi tocado e tomado pelo que cabe ver em sentindo a vida — isto é, em convalescendo. Como se dá este toque, como se faz esta evidência, como a alma já trás consigo a medida do olhar necessária para poder ver o que cabe ver, a saber, o sem fundo de dor, o abissal de Dor-Homem?!

Tal se dá desde um instante extraordinário, o qual já mencionamos e consideramos. *Este instante é o da experiência de salto*. Dito redundantemente: desde a experiência do súbito ou i-mediato irromper do salto que pontua, modula, determina. É aí e assim que vida se revela como dom, doação, graça, gratuidade. O salto, tal como o dom ou a dádiva, é sem por quê — pura sobra, pura superabundância, puro transbordamento, pura transcendência. É como o vir à tona do sem fundo como transbordamento, saciedade e suficiência de si — de nada. A alegria, a bastança da orfandade. Aí se faz hora e lugar — pátria, casa, lar. Onde quer que esteja, o que quer que seja, sou e estou sempre em casa, sempre na superficialidade e na gratuidade do acontecimento inaugural, isto é, do sem fundo, do sem por quê, do

sem para quê, do sem sentido de vida, de dor. O sentido é justamente o sem sentido, quer dizer, o sem nenhuma orientação e busca para fora e para além deste acontecimento absoluto. O abismo abrange, abarca, acolhe e agasalha a circunferência do círculo, o desamparo do salto — o *absoluto* da existência, da vida. Amém!

12. Um dos momentos pinaculares do *Zaratustra* — que deveria fechar a terceira parte e com ela a obra — é o discurso intitulado *O Convalescente*, “Der Genesende”.

Referimo-nos à convalescença como um tempo de recuperação de forças e de saúde — trata-se de retomar forças e então crescer enquanto e como intensificação do tônus, da vitalidade (“thymós”). *Zaratustra*, que fala do destino do homem, que é o homem em toda a sua destinação histórico-ocidental (= a metafísica), é um *convalescente*. Veja: não se diz que ele “está” convalescente, mas, sim, que ele é. Então, convalescença pertence à constituição de seu ser, é sua necessidade ontológica. Mas quando *Zaratustra* se vê e vê o homem como constitutivamente convalescente ele modula ou tempera esta retomada de forças com a ressonância, com o eco da língua alemã na palavra “Genesung”, “genesen”. É Heidegger que nos adverte para isso. “Genesen” corresponde à palavra grega “néomai”, “nóstos”, que quer dizer “voltar”, “retornar à casa, ao lar, à pátria”. Em alemão “Heimkehren”.²⁴ Daí vem “nostalgia”, que é a dor sentida no exílio e provocada pela pátria distante, pela ‘casa’ ou pelo ‘lar’ ausente. Daí a nostalgia sendo a dor que fala do estranho que é uma presença ausente ou o dorido sentimento de se estar onde não se está. O convalescente é, portanto, aquele que reúne forças para assim retornar à ‘casa’, ao ‘lar’ ou à ‘pátria’ perdida, distante, ausente. Estando porém em questão a *essência* do homem, seu

²⁴ HEIDEGGER, M. Quem é o *Zaratustra* de Nietzsche?, em: *Vorträge und Aufsätze*, Teil I, Neske, Tübingen, 1967, p. 94.

na obra. Na transfiguração dor se esquece, se perde, se faz alegria, riso... Toda criação, como a luz do outono, é um riso-solução. Como luz de outono, consagração e bênção. Gratidão. Portanto, estória e destino de dor têm agora outro nome: criação. A alegria própria de criação é o jogo inútil e gratuito (sem por quê, sem para quê, sem de onde, sem para onde) de dor se transfigurando à medida que joga consigo mesma o jogo da convalescença, isto é, do retorno do fundo ao fundo — abisma-se. E este abisma-se como apuração do olhar, como educação para ver e consentir abismos. O próprio ver é ver — abismo!

13. Lê-se ainda no *Zarathustra*: “Cume e abismo — isto agora está reunido em um” (*Zarathustra*, III, O Viandante).

“Agora” está falando: desde, a partir da resolução de cumprimento do caminho de descida à dor, de sentir a vida ou de ir ao fundo do fundo sem fundo — abismar-se. “Agora” está portanto falando: desde a viagem abissal, a partir do caminho de convalescença. Uma vez aceito o salto — dom, graça — e acolhida a disposição para ‘ver’ abismo, isto é, de parar e esperar que o fundo venha à tona como presença de ausência, como proximidade de distância, como consitutivamente incontornável e inapropriável — bem, *agora* “cume e abismo estão reunidos em um”.

O mais elevado, o mais “céu” (pico, cume) e o mais fundo, o mais chão, o mais “terra” — isto agora perfaz um. O mais elevado, o pinaculador na e da vida é o seu fundo, o seu fundamento, ou seja, aquilo que se mostra como sua determinação fundamental (essencial) e que se revelou como o abissal. Pois isso, agora, a saber, desde a contenção e a serenidade em ver abismo, está tremeluzindo em consangüinidade na mesma linha de limiar — o um. A linha profundidade-superfície, fundo-raso como o único lugar possível, e então necessário, de vida.

É esta linha, este limiar que perfaz — isto é, reúne, integra, cumula e inteiriça (tudo isso diz “in Eins beschlossen”) — o um. O um,

modo fundamental de ser (ele é convalescente!), não se pode imaginar esta *pátria* como um lugar, uma toponímia fora do próprio homem, alguma instância além ou aquém dele, mas, sim, ‘pátria’ (‘casa’, ‘lar’) está falando de seu *lugar próprio*, quer dizer, de sua determinação essencial ou fundamental. Neste sentido ainda, o homem é, precisa ser insistentemente um ‘nostálgico’. Ele precisa estar insistentemente voltando a si, entenda-se, insistentemente retomando sua própria essência e assim essencializando-se, que é o único modo possível dele cumprir mais-culamente seu destino estórico.

Mas, vamos começar a fechar o cerco à questão. Vimos que, em se tratando do homem, de vida, a ‘casa’, o ‘lar’ ou a ‘pátria’ é irremediavelmente *dor*. Daí que, realmente, “sentir a vida convalesce”, isto é, descer, afundar na vida é um movimento de reunião de forças para recondução à essência, ao próprio de vida, a saber, à dor. Mas, se se diz re-conduzir, significa que ele está afastado, apartado, expatriado. A verdade é que esta expatriação se faz e cresce à medida que, desde o ópio-infinito, o homem se lança à busca de “um Oriente ao oriente do Oriente”... Foge do lugar próprio, da dor. Desespera-se dela e nela. No desespero o grande extravio, a grande expatriação.

“... convalesce e *estiolá*”. Pelo que vimos, mas agora dando um outro tom, uma outra tonalidade a “estiolar”, parece que, neste movimento de retomada da dor, ingressa-se ao mesmo tempo num estranho elemento, que é o da distância-proximidade, da ausência-presença, o ‘mundo’ do pálido-corado, do morto-vivo como o lugar, a pátria do filósofo... e do pintor... e do poeta. Em suma, ingressa-se no âmbito da ação transformadora, transfiguradora de dor, ou seja, do fundo, do abisso. Esta ação chama-se *criação*. Aí e assim dor é o mesmo que se altera, que se transforma ou se transfigura, cunhando desse modo a estória que perfaz vida enquanto e como o devir de limite, de esforço. Isto quer dizer: como *ação* de dor que, justo na ação e pela ação, se perde, *se esquece como dor* e se celebra como transfiguração no criado,

portanto, é o mesmo de profundidade e de superfície, de necessidade e de gratuidade, de dor e de alegria, de vida e de morte, de solução e de riso. Este um, este limiar serenamente tenso no parado e concentrado de uma sempiterna luta, constitui-se em “casa”, “lar”, “pátria”. É este o um que se diferencia e se altera, isto é, o sentido (“lógos”) da estória que é a vida. Estória e destino de dor. O homem é esta viagem. É o viajante nesta e desta viagem. É famosa a passagem de Santo Agostinho, que diz: “Estamos sempre a caminho, jamais ‘em casa’, no ‘torrão natal’” — “Semper in via sumus, nunquam in patria”. E Cervantes, já na ancianidade, cheio de vida, cheio de viagem, cheio de partidas e de despedidas, proclamou, advertiu: “O caminho é melhor que a estalagem”. Partir... Partir... Despedir-se... Despedir-se... A alegria na dor — “a morte que é festa”. Riso-solução que, como luz de outono, é consagração e bênção. O aprendiz de caminho e de caminhada, que se faz aprendiz de hora ou de tempo certos, aprende, na hora certa, no tempo cheio, a despedir-se... partir... A pátria como o sem pátria, como nenhures; o lugar como nenhum-lugar — nenhures. E tudo isso sem lamento ou lamúria, sem acusação ou revolta, sem amargura. Sem despeito e sem nojo, asco. Mas também sem nenhuma reconciliação, pois não há com que reconciliar-se — pois, começo, origem, o que sempre volta, retorna e insiste como a Hora é corte, cizalhamento, e l a ç ã o, que é tensão e luta. Por nada, para nada. Melhor ainda: sem nenhuma resignação frente a uma presumida impotência para atingir algum almejado “Oriente ao oriente do Oriente”. Este, com o apagar-se da cobiça do infinito, da sanha do ilimitado, isto é, com a irrupção e o assentimento de (em) salto — este assim desfêz-se. O “Oriente” é aqui, aos meus pés...

14. No nosso ponto de partida, recordemos mais uma vez, dissemos não tratar-se a filosofia de nenhuma “coisa”, quer dizer, de nenhum corpo doutrinário constituído, ao qual caberia dominar-se a

partir do uso correto de uma certa metodologia ou de uma boa manuaística. Somente desde um ponto de vista desvirtuado, decadente, é que ela pode configurar-se como algo do domínio da cultura, acervo ou bagagem cultural. Hoje, isso significaria: informações, dados e a garantia de acesso rápido e domínio certo, seguro.

Antes, porém, estando em questão a filosofia, em questão realmente está uma atitude, melhor, um modo próprio de ser do homem, da vida, para o qual se impõe abrir-se e, desse modo, predispor-se a conquistá-lo. Trata-se portanto de despertar para este modo próprio de ser e cultivá-lo. Encaminhamos a determinação e a compreensão deste modo próprio de ser como dor — corte, distância, olhar. Trata-se de, na distância e como distância, ver e celebrar abismo (o a-bisso), que é o modo de trazer para junto, como presença, a ausência. A presença de ausência é assim guardada, resguardada — enquanto e como ausência, distância. É assim que se é na e para a dor — atravessado, perpassado por este acontecimento arcaico-elementar. Por esta via cumpre-se o cultivo de história e de destino de dor, que, viuse, na ação, na atividade que lhe é própria ou constitutiva, se perde, se extravía, se esquece como dor à medida que se concretiza como transfiguração na obra, no criado — tem-se a alegria, a festa da criação inútil e necessária.

Esta dinâmica de transfiguração perfaz crescimento, isto é, intensificação (e não acúmulo, aglutinação, agigantamento) e, então, conquista de evidência de história, de destino. É deste modo que se dá e se faz liberdade, à medida que esta ação transfiguradora de dor (o crescimento, a intensificação) constitui-se em movimento de liberação de um próprio, de uma identidade.

Recordemos ainda a carta de Nietzsche, que pontuou e baliou nosso percurso. Ela diz: “... m i n h a paisagem, tão distante, tão apartada da vida, tão metafísica... Como tudo se afasta, se distancia! Como a vida se torna quieta, serena! ... E ainda não se é velho!!

Somente filósofo! Somente à margem, à parte! Somente comprometidamente à parte!”

No cultivo, no exercício do “páthos da distância” não se é velho, quer dizer, acabado, depauperado, senil, mas “somente filósofo”, isto é, somente na determinação e na disposição de realizar a condição a partir da qual se faz gênese de gênese — o pensamento. “Somente filósofo” quer dizer: somente na instância serena, talvez parada, mas aquele parado tenso, mesmo tormentoso, o parado da tensão de uma natureza morta ou de um afresco “clássico” de Giotto, no olhar de Cézanne — somente portanto nesta distância, na qual se dá a perfeição do ver, do olhar. Por isso, velhice. Contemplação. Vida contemplativa, “biós theoretikós”, que é a per-feição, isto é, a integração e o inteiramento do viver, do existir desde seu lugar e hora certos — o corte, a separação, a dor, como pátria, natalidade do homem. Sim, filosofia é uma espécie, *esta* espécie de velhice. É precisamente isto que dá o “comprometidamente à parte”. É esta distância, este à parte radical e necessário — o corte, o abrir-se de dor — que instaura o compromisso de ser o que é e desde onde radical e absolutamente é, a saber, corte, separação, dor. *Aí, agora*, é possível-necessário “sentir a vida”, *c o n v a l e s e r*, quer dizer, descer, afundar, abismar-se. Aprender a ver abismo e, com isso, ascender, fazer-se leve, alegrar-se, voar’na e com a transfiguração da dor. Sim, filosofia, filosofar é exercício e aprendizagem de ver abismo, pois, ouçamos de novo, “o próprio ver, é ver — abismo!”

Enfim, a filosofia é este convite, este chamado. Quem tem ouvidos, que ouça! Quem tem olhos, que veja! Quem se dispõe, que venha! Sede bem-vindos!

APÊNDICE II

SOBRE A METAFÍSICA

OU

a respeito do jejum

1. O subtítulo pode soar estranho, insólito e não muito sério. Mas, pelo que ele insinua, pretende anunciar algo sério, mesmo muito sério, a saber, a metafísica. É a inspiração ou a motivação, que propicia o encaminhamento para a questão anunciada, a metafísica, vem de uma obra igualmente séria, muito séria, ainda que se possa, melhor, que se *deixa* dela se ocupar também com grandes e gostosas gargalhadas — aquelas que, no destampar do riso, sacudindo a barriga bem solta e largada, deixam escorrer as vísceras pela boca afora. Estou me referindo ao *Dom Quixote*, ao *Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha* — o “da Triste Figura”!

Entre as poesias, que preludiam a primeira parte e que homenageiam seus personagens maiores, temos a última, que é um diálogo, em forma de soneto, entre Babieca, o cavalo de El Cid, e Rocinante, o grande rocim, o pangaré erado, de Dom Quixote. A certa altura do diálogo-soneto, Babieca pergunta: “Será tolice amar?” e Rocinante, responde: “Não é muito prudente”. Babieca retruca: “Estás metafísico”. E Rocinante contesta, enfático: “É que não como!”

A metafísica pode ser “a consequência de estar mal disposto”,²⁵ mas, segundo Rocinante, para nós uma testemunha digna de toda a

²⁵ Cf. Fernando Pessoa, *Poesias de Álvaro de Campos*, Tabacaria.